



BRASÍLIA

Capital chega aos 34 anos como a síntese urbana das contradições de todo o País

Brasília, completa hoje 34 anos representando, mais do que nenhuma outra cidade brasileira, as contradições do desenvolvimento urbano do País. Os arcos do Palácio do Alvorada, a mundialmente conhecida expressão arquitetônica que Oscar Niemeyer colocou na cidade imaginada pelo urbanista Lúcio Costa, faz hoje contraponto às miseráveis favelas das cidades-satélites que cada vez mais sufocam o original Plano Piloto de Brasília. Ainda a mais moderna das cidades brasileiras, sem esquinas, ostenta invejáveis índices de qualidade de vida. Mas é marcada pela solidão e o esoterismo. Não por acaso, a Capital Federal é a capital mística do Brasil. Um templo religioso é atualmente o lugar mais visitado da cidade, que tem mais mulheres do que homens. Uma cidade-autódromo, como a define o tricampeão mundial de Fórmula 1 Nelson Piquet. Uma cidade-real, com seus inúmeros problemas sociais. Uma cidade síntese das contradições urbanas do Brasil.

Cidades-satélites estragaram projeto

Página 2

A vocação para o místico e o mágico

Página 3

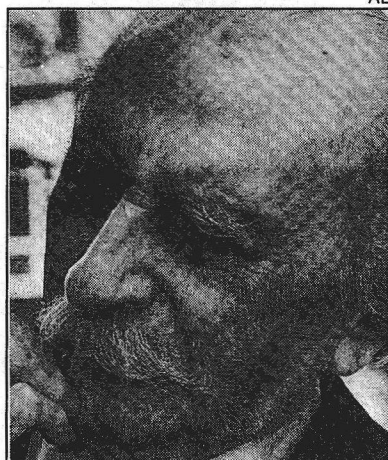
Um lugar onde se sabe tudo

Página 4

MARCELO FAGÁ

O plano era perfeito, mas o piloto sumiu. Aos 34 anos de idade, a capital brasileira é a melhor síntese urbana das contradições do País. De um lado, exibe indicadores de qualidade de vida de fazer inveja a metrópoles do Primeiro Mundo. Em contrapartida, existe um muro social que divide os 1,7 milhão de habitantes do Distrito Federal, embora, por princípio, não haja nem muros, nem grades ou sequer cercas de ciprestes separando seus condomínios.

Brasília também é vítima de uma certa autofagia, que parece ser a forma como os brasileiros preferem se relacionar com os símbolos nacionais. Muito se fala — mal — da cidade, que está tombada e foi declarada monumento da Humanidade desde 1987. As condenações, contudo, costumam enveredar pelas meias-verdades até se perder em mentiras inteiras. —Um dos equívocos mais fre-



O urbanista Lúcio Costa

qüentes é considerar o brasileiro figura rara, difícil de encontrar. Nem tanto. Há quatro anos, os nascidos em Brasília já eram quatro entre dez moradores. Outro mito é o da cidade nordestina. A parte da população proveniente do Sul, Sudeste e Centro-Oeste empata cabeça a cabeça com os originários do Norte e do Nordes-

te.

Tampouco é verdade que seja uma cidade de funcionários públicos. É o setor de serviços que ocupa mais da metade da população (51,8%, segundo pesquisa feita em fevereiro), enquanto a administração pública (contando os contingentes de setores como educação, saúde e segurança) responde por apenas 20,7% dos postos de trabalho. Não é dos números, portanto, mas do expediente dos parlamentares de fora que veio a fama de que a semana de trabalho do brasileiro tenha só três dias (de terça a quinta-feira).

“Uma cidade sem esquinas”, bradam os críticos. Certo, se esses críticos também não achassem absurda a construção de prédios grudados uns nos outros, cortados por cruzamentos, que tantas esquinas propicia a lugares como Copacabana, considerado um mau exemplo de ocupação. Se existe algum tratado demonstrando que a vida social depende de esquinas, o povo de Brasília contrariou essa

lógica cartesiana. Inventou um novo tipo de esquina, sem cruzamentos: a calçada em frente ao pequeno balcão de uma pizzaria tradicional pode servir de ponto de escala obrigatória para centenas de pessoas.

Tanto quanto a prancheta do urbanista Lúcio Costa, a sabedoria popular e as leis de mercado também moldaram as feições da capital. Às vezes contrariam o sistema adotado para a denominação dos endereços, que parece ter sido imaginado durante o diálogo entre um comandante de avião e a torre de controle. O estranho código alfanumérico, que inclui o banido w (do inglês west, para designar o lado oeste da cidade), nem sempre é seguido. Alguns locais são

mais conhecidos por seu apelido popular, como a Rua das Farmácias, onde se instalaram dezenas delas para aproveitar a vizinhança com o setor hospitalar central. Também é o caso da Rua dos Restaurantes, na Asa Sul, onde no embalo também se instalou mais um visto do McDonald's.

Em Brasília não falta espaço porque até o sopro do vento foi considerado no projeto. As normas de construção previram prédios baixos e edifícios de até três pavimentos, no perímetro da cidade, para não barrar a ventilação das quadras residenciais no miolo, onde o gabarito máximo é de seis andares.

Desde sua inauguração, a cidade é alvo de uma acirrada divisão

de opiniões. Não há como negar, porém, que o modelo de superquadras é o que inspira, até hoje, os projetos habitacionais que passaram a se chamar condomínios fechados, pela necessidade de proteção contra a violência urbana. Em Brasília, eles continuam abertos, mas nem sempre o ideal do projeto original foi colocado em prática.

Cada superquadra foi projetada para uma população média de 2 mil pessoas, morando em 8 a 11 prédios horizontais de 6 andares, com 36 apartamentos de 3 quartos e 180 metros quadrados cada, e deveria conter praça de esportes, parquinho infantil, área verde e uma escola pública de primeiro grau (“escola-classe”). Na divisa entre duas superquadras existe uma área comercial básica, e, a cada quatro, deveria haver uma “escola-parque”. Ali as crianças de “escolas-classe” do conjunto de superquadras praticariam, fora do turno escolar, de natação a cursos de tapeçaria. Muitas “escolas-parque”, porém, não saíram do papel.

**EM BRASÍLIA
ATÉ O
SOPRO
DO VENTO
FOI
CONSIDERADO
NO PROJETO**